



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

APROPRIAÇÃO DE GÊNEROS EM SALA DE AULA: A RETEXTUALIZAÇÃO COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Dennys Dikson

Universidade Federal de Alagoas/Universidade Federal Rural de Pernambuco. dikson22@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho apresenta e discute o conceito de retextualização (MARCUSCHI, 2004), levando em consideração análises de produções textuais de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Saloá – PE. Trazemos as relações que são estabelecidas entre escrita-oralidade, oralidade-escrita, escrita-escrita, as noções de retextualização, e quais os aspectos envolvidos nesse processo escrito-escrito ou falado-escrito (KOCH, 2000; MARCUSCHI 2001, 2004; NEVES, 2010; DELL’ISOLA, 2007; VERCEZE & NOGUEIRA, 2005), com a intenção de apresentar e refletir sobre o que ocorre nos textos dos alunos quando retextualizam em sala de aula, e em que esse movimento de (re)escritura de textos no ambiente pedagógico pode auxiliar na apropriação escrita de diversos gêneros textuais e sua utilidade enquanto recurso pedagógico.

Palavras-chave: Retextualização, produção textual, relação escrita-escrita e oral-escrita, leitura, escritura.

1. Introdução

Apresentaremos neste trabalho questões relativas ao processo de Retextualização em ações práticas dentro da aula de Língua Portuguesa em Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A questão mais relevante é apresentar, dentro de um contexto escolar, a importância desse processo de mutabilidade textual – especificamente quando se trabalha atividades com os alunos com o intuito de transformar um determinado gênero textual escrito para outro gênero textual também escrito.

As aulas de Língua Portuguesa – quando o trabalho ativo com gêneros textuais é realizado a contento – se tornam muito mais consistentes quando a estratégia de retextualizar entra no jogo de aprendizagem. Isso porque essa prática de escrita instiga a entrada dos alunos nas características e estruturas textuais, seja do texto retextualizado ou daquele que se quer retextualizar. Quanto mais se mergulha na formatação seja de qual for o gênero textual, melhor é o aprendizado da leitura e escritura, aumentando



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

consideravelmente as questões relativas à reflexão crítica, compreensão daquilo que se lê e capacidade de escrever melhor – o texto, então, se mostra como o eixo mais relevante quando se trata de ensino e aprendizagem de leitura-escrita.

No decorrer deste trabalho, trataremos rapidamente de questões acerca de Gêneros Textuais e as relações existentes entre os textos, seja escrito-escrito ou escrito-oral. Abarcaremos, outrossim, o conceito de Retextualização (MARCUSCHI, 2004; DELL'ISOLA, 2007) e quais os aspectos que estão envolvidos neste processo de transformação de um texto em outro, modificando a estrutura do gênero textual, sem perder o tópico apresentado no do texto-base.

Analisaremos uma atividade escolar, a partir das noções e pontos principais da Retextualização, que foi desenvolvida com alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Vamos observar os processos que rodeiam o trabalho dos alunos quando estão retextualizando em sala de aula, durante as aulas de Português – práticas estas que devem favorecer a compreensão de textos, a formação de leitores críticos e bons produtores textuais.

2. Alguns pontos sobre Gêneros Textuais

Para tornar possível a comunicação em diferentes contextos e suprir as necessidades de utilização da linguagem humana, surgem os gêneros textuais. Qualquer pessoa é capaz de reconhecer, instantaneamente, o gênero a que está sendo submetido – desde que esteja nele inserido previamente –, sendo possível “ajustar-se” ao contexto de interação, pois nossa comunicação e interrelação humanas só é possível ocorrer através de gêneros que se manifestam por textos.

Isto é o que nos afirmam Dolz, Schneuwly & Haller, quando dizem que: “(...) os gêneros podem ser considerados instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação (e de aprendizagem). (...) é um instrumento para agir linguisticamente”. E, por serem considerados instrumentos que “permitem realizar ações em situações particulares” (DOLZ, S2004, p. 171) é que eles se tornaram objetos análise, de discussão, de reflexão e de ensino.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Quando estamos em uma situação de comunicação, é primordial a escolha ou adaptação a um determinado gênero textual para que a significação possa ser produzida. As situações de comunicação são diferentes e os gêneros também o são, é o que nos afirma Dell’Isola, acrescentando: “Assim, a cada situação, em cada lugar, através de cada meio, para cada interlocutor, as pessoas se expressam de maneiras diferentes, produzem gêneros distintos.” (2007, p. 11)

O trabalho eficaz e reflexivo em sala de aula a partir de gêneros textuais, que projete os alunos a perceberem a real ligação com a vida em sociedade, é um caminho interessante de ser trilhado no campo pedagógico do ensino de Língua Portuguesa. É mister que os professores, ao trabalharem os gêneros, definam bem as atividades e seus objetivos, contextualizem com os alunos, mostrem como e quando utilizar este ou aquele gênero, expliquem aos alunos o porquê daquela atividade e para que o gênero em questão serve.

Para Dolz, Schneuwly & Haller, os gêneros que devem ser estudados em sala de aula são os de comunicação pública formal.

Já que o papel da escola é sobretudo o de instruir, mais do que o de educar, em vez de abordarmos os gêneros da vida privada cotidiana, é preciso que nos concentremos no ensino dos gêneros da comunicação pública formal. (...) cujo grau de formalidade é fortemente dependente do lugar social de comunicação, isto é, das exigências das instituições nas quais os gêneros se realizam (rádio, televisão, igreja, administração, universidade, escola etc.). (2004, p. 147)

Devido ao fato dos alunos geralmente já dominarem os gêneros do cotidiano, é que se deve trabalhar os gêneros de comunicação pública. Para Dolz, Schneuwly & Haller (2004) estes últimos apresentam maiores restrições impostas pelo exterior, e por isso, necessitam de um controle mais consciente para dominá-los.

Os autores também afirmam que para se levar um gênero para sala de aula, é preciso observar o que este gênero tem de relevante para ser ensinado. Quanto mais realizações textuais este gênero permitir que sejam feitas, melhor ele será para o ensino.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ao entrar na escola para ser ensinado, o gênero irá se transformar para atender as necessidades daquele meio.

É necessário que ao se ensinar um gênero de comunicação pública, o professor observe o que este gênero irá trazer de contribuição para o estudante, pois, a partir do momento que um gênero migra de seu contexto tradicional e começa a ser utilizado como objeto de ensino na escola, este gênero muda, se transforma para poder suprir as necessidades da sala de aula. Ao migrar para o meio escolar, é preciso que o gênero esteja dentro dos conformes de ensino que são estabelecidos previamente pela escola, porque só assim ele vai poder ter relação com o que será trabalhado em aula.

À guisa de exemplificação, alguns dos gêneros que não fazem parte do contexto escolar, mas que podem ser trabalhados pelos professores em sala de aula, são as notícias de jornais, os noticiários de televisão, as entrevistas, os testemunhos, dentre outros. Entretanto, para se trabalhar tais gêneros de maneira eficiente, primeiramente é preciso apresentar a situação que será trabalhada, comentar com os alunos o que será feito, refletir com eles a respeito do trabalho que será realizado e, a partir daí, solicitar a atividade – situação contextual que dificilmente é realizada.

3. O processo de Retextualização

Trataremos aqui das transformações de um texto de uma modalidade (escrita ou falada) para outra, ou seja, a Retextualização. Segundo Rodrigues, este termo

retextualização foi empregado pela primeira vez por Travaglia (1993) para fazer referência à tradução de uma língua para a outra. Abaurre (1995) acrescenta a ideia de refação ou reescrita de um texto, e Marcuschi (2001) trata da transformação de textos orais em textos escritos, especialmente. (RODRIGUES, 2010, p. 119)

Para Marcuschi (2004) a retextualização não é um processo mecânico, pois envolve algumas operações complexas que interferem tanto no código como no sentido. As retextualizações são comuns em nosso dia a dia, nas mais diferentes atividades diárias. Podemos perceber o uso delas ao repassarmos uma informação a alguém, por



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

exemplo, pois, ao fazermos tal processo, nós estamos transformando o que nos foi dito anteriormente. A este respeito, Marcuschi nos traz que “Toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra.” (2004, p. 48 – grifos do autor).

Essa transformação não significa dizer, porém, que a retextualização é a organização de um texto mal elaborado ou mal organizado, pois não o é. Retextualizar não é passar um texto que esteja numa forma de caos para uma forma mais elaborada, pois cada texto possui sua própria formulação. Retextualizar é um outro movimento, é uma “adaptação” (MARCUSCHI, 2004) de textos, pois transforma-os de uma modalidade para outra, às vezes utilizando-se de gêneros textuais muito diferentes, o que faz com que sejam envolvidas estratégias diversas neste processo de retextualização. Ao considerar fala e escrita, o autor nos afirma que são possíveis quatro tipos de combinações no processo de retextualização, são elas: da fala para a escrita; da fala para a fala; da escrita para a fala; e da escrita para a escrita.

As atividades de retextualização podem ocorrer de modos muito variados, pois é possível adequá-las a qualquer gênero textual. Para se produzir uma retextualização, necessário se faz que haja uma compreensão do texto-base, observando seus tópicos principais de ideias. Se não houver essa estratégia compreensiva do que será retextualizado, a atividade será prejudicada. Marcuschi (2004) afirma que muitos problemas que ocorrem nas retextualizações são causados exatamente por essa falta de compreensão e o problema aumenta quando se passa de um gênero para outro. Ele afirma que:

(...) *para transformar é necessário compreender* o texto. Contudo, uma não-compreensão não impede a retextualização, mas pode conduzir a uma transformação problemática, chegando ao falseamento. (2004, p. 86 – grifos do autor)

A retextualização é também chamada por Marcuschi (2004, p. 52) de “*adaptação*, que já é uma transformação na perspectiva de uma das modalidades”. As



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

modalidades de que o autor está tratando aqui seriam a fala e a escrita ou vice-versa e de uma modalidade a outra.

Desta feita, podemos dizer que retextualizações são as transformações que ocorrem nos textos, seja na modalidade oral ou na modalidade escrita, são mudanças que ocorrem no interior dos textos, quando da sua reescritura ou (re)oralização. Tais transformações ocorrem tanto no plano da expressão como no plano do conteúdo, dependendo da complexidade no momento de retextualizar e também das intenções daquele que está produzindo o texto.

Retextualizar não é uma atividade simples, pois trata de transformar um texto em outro tendo que manter a essência do texto-base. Mesmo no dia a dia, nós, usuários da língua portuguesa, realizamos constantemente retextualizações e não paramos para refletir o quão complexa é esta atividade. E quando a questão vai à sala de aula, então fica ainda mais complexo o trabalho. Caso o professor não conduza bem a atividade e o aluno não possua a habilidade de entender os textos a partir da leitura, a retextualização vai ficar comprometida devido à suposta má interpretação do texto-base que possa ocorrer. Marcuschi ainda frisa que

(...) toda atividade de retextualização implica uma interpretação prévia nada desprezível em suas consequências. Há nessa atividade uma espécie de *tradução endolíngua* que, como em toda a tradução, tem uma complexidade muito grande. (2004, p. 70 – grifos do autor)

Ao transformar um texto de uma modalidade para outra e, principalmente de um gênero para outro, o aluno é levado a pensar e refletir em como o texto-base foi estruturado e como o texto final será escrito. Neste processo, o aluno exercita a leitura, compreensão e escrita do texto retextualizado. Se a atividade de retextualização for bem selecionada e preparada pelo professor, é possível desenvolver no aluno as habilidades de leitura e escrita, fazendo-o refletir acerca dessas duas competências, além de, ao colocá-las em prática, haver um exercício constante da interpretação ou compreensão dos textos.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

4. Realizando a Retextualização

4.1. Aspectos envolvidos na Retextualização

Como pontuamos mais acima, a atividade retextualizada para análise é referente a gêneros escritos, e foi realizada nos Anos Finais do Ensino Fundamental, numa Escola Municipal de Saloá/PE.

Ao se fazer uma retextualização, vários aspectos estão envolvidos neste processo. Dentre esses processos, Marcuschi (2004) menciona a eliminação, a completude, a regularização, o acréscimo, a substituição, a reordenação, o tratamento da sequência dos turnos, a inferência, a inversão e a generalização. Alguns destes aspectos também são tratados por Verceze & Nogueira (2005). Os autores mencionam a inferência, a substituição, a reordenação, a ampliação/redução de estilo, a reformulação, a inversão, o tratamento de turnos, dentre outros.

No próximo item, ao analisarmos as Retextualizações feitas com os alunos, destacaremos alguns destes aspectos que podemos encontrar nas atividades, tentando compreender se o trabalho de refeitura de textos auxilia na apropriação dos gêneros que estão em questão, tanto como texto-base, como texto-fim.

4.2. Análise das atividades

No momento da retextualização, geralmente ocorrem mudanças no conteúdo do texto-base, entretanto, tais mudanças não devem nunca modificar a temática e a veracidade que esse texto primeiro carrega. O texto retextualizado deve sempre manter as informações e tópicos principais do texto original.

As atividades de retextualização permitem que, ao elaborar um novo texto, os alunos trabalhem estratégias textuais e discursivas. Para elaborar um novo texto em um outro gênero, o aluno precisa conhecer o gênero que será escrito para assim escrever dentro do contexto daquele, e da proposta que foi pedida. As atividades devem criar condições para que os alunos conheçam diferentes gêneros, seja da esfera oral ou da



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

esfera escrita, e, assim, desenvolvam suas competências para utilizar eficientemente a Língua Portuguesa. O trabalho ancorado nas retextualizações permite, também, ao professor, desenvolver um trabalho de grande relevância, interativo e produtivo. Para tanto, necessário se faz que o docente selecione atividades com textos reais e de uso no cotidiano, pois são por estes textos que os alunos demonstram mais interesse, e são com estes textos que o aluno vai apreender seu uso em sociedade.

Dell’Isola nos afirma que as atividades de retextualização são um “excelente recurso para o trabalho com o gênero”. (2007, p. 11). Além de trabalhar a leitura, compreensão e a escrita, as retextualizações permitem o conhecimento e o trabalho com diversos textos diferentes e seus funcionamentos nos mais variados lugares sociais.

Através do uso dos gêneros, em consonância com as atividades de retextualização, os alunos poderão produzir diversas possibilidades de textos a partir de reflexões acerca do uso destes gêneros e das características que os constituem. Como nos diz Marcuschi, “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações particulares diferentes” (2008, p. 154).

A atividade de Retextualização aqui analisada tinha como objetivo principal fazer com que os alunos entendessem e apreendessem um determinado poema, transformando-o em outro gênero escrito, num gênero da esfera do narrar, ficando os alunos à vontade para escreverem sejam histórias inventadas ou contos ou fábulas ou crônicas ou outro que pudesse trazer os traços narrativos como característica principal.

Antes de iniciarmos a atividade de retextualização, foi feita uma discussão acerca do que seria a “retextualização”, como ocorre esse processo, para que serve, quando utilizamos a retextualização, qual sua finalidade, tudo isto com o intuito de aprofundá-los no conceito do assunto, mostrando tal prática é muito mais comum em nosso dia a dia do que se imagina.

Ao finalizar a discussão, entregamos aos alunos o poema intitulado “Eu e a árvore”¹, de Martins D’Alvarez, e fizemos juntamente com eles a leitura do texto para poder discutir e entender. Ao fim da leitura, começamos a fazer perguntas referentes ao

¹ Fonte: <http://www.pragentemiuda.org/2008/09/poesia-eu-e-rvore.html> (Acesso: 04/11/2013)

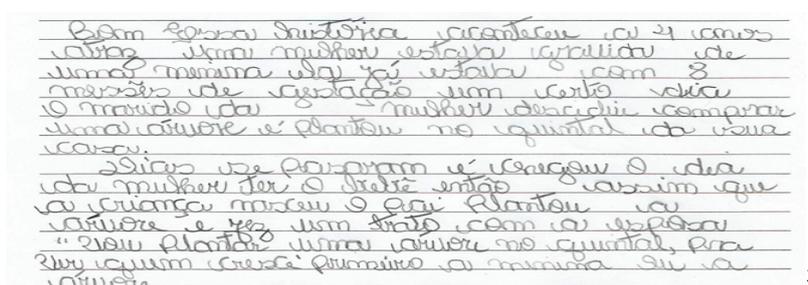


II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

texto para que a compreensão do texto-base fosse desenvolvida. Após este momento, solicitamos que os alunos produzissem um texto narrativo sem especificar qual o gênero. A grande maioria dos textos produzidos mostraram-se muito proveitosos e interessantes.

Apresentaremos dois recortes de retextualizações que foram produzidos pelos alunos referentes à primeira estrofe do poema². Segue abaixo o primeiro recorte:



Analisando sinteticamente esta produção escrita de um aluno, vamos observar o seguinte:

- existe a compreensão do texto-base a contento, pois, como se observa, os tópicos ou ideias centrais estão mantidos (o pai que planta uma árvore no quintal para observar se a filha ou a árvore ficaria mais alta);
- há a eliminação do caráter narrativo a partir da menina como está no poema, ocorrendo a substituição do narrador para a terceira pessoa no texto escrito;
- a “completude textual” é alcançada, por haver uma narrativa com início, meio e fim;
- observam-se diversos acréscimos, como o tempo (4 anos passados, e 8 meses de gestação), uma gravidez, a compra da árvore, dentre outros; e
- também vê-se a inferência em alguns instantes, como a possibilidade da gravidez e nascimento de um bebê, a decisão de se comprar árvore e o trato que o pai fez com a esposa.

O segundo recorte:

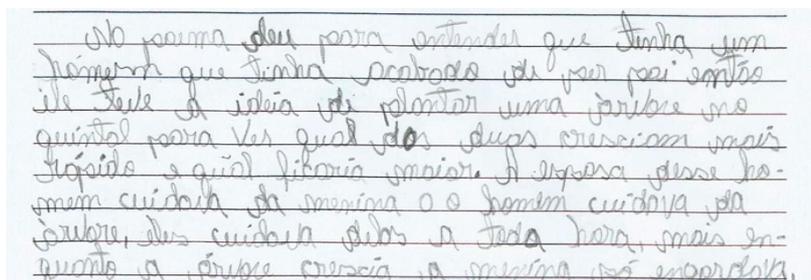
² Quando nasci, papaizinho/Plantou, em nosso quintal/Uma arvorezinha esguia,/Para ver qual de nós duas/Cresceria mais depressa/ Qual mais alta ficaria.

³ Transcrição: Bom Essa história aconteceu a 4 anos atrás uma mulher estava grávida de uma menina ela já estava com 8 meses de gestação um certo dia o marido da mulher decidiu comprar uma árvore e plantou no quintal da sua casa. Dias se passaram e chegou o dia da mulher ter o bebê então assim que a criança nasceu o pai plantou a árvore e fez um trato com a esposa “vou plantar uma árvore no quintal, pra ver quem cresce primeiro a menina ou a árvore”



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Sobre este segundo trecho de um outro aluno, vemos:

- a) assim como o anterior, a compreensão do texto-base também ocorreu dentro do previsto, pois as marcas tópicas principais foram devidamente mantidas;
- b) houve eliminação do caráter narrativo de primeira pessoa conforme traz o poema, modificando a uma narrativa em terceira pessoa;
- c) a “completez textual” também é alcançada, introdução, meio e final estão bem postos;
- d) há vários pontos de acréscimo, como: *esposa cuidava da menina, o homem cuidava da árvore, a menina só engordava, a menina só crescia dos lados, a menina só alcançava a janela, a menina sobre nos galhos da árvore*, entre outros;
- e) e sobre a inferência, vemos: o homem que tinha acabado de ser pai, a árvore que só crescia, etc.

É interessante notarmos em ambos os trechos dos textos dos alunos também ocorre aquilo que Marcuschi (2004) chama de “falseamento”, pois há certas “invenções” que não constam no texto-base. Os alunos, na verdade, realizam a retextualização, fazendo acréscimos que estão fora do que foi dito no texto primeiro. Mas é interessante ressaltarmos que as retextualizações foram devidamente realizadas, e o “falseamento” não desmerece nem invalida a produção textual, trata-se apenas de mais uma características que pode ocorrer durante o momento que se faz essa troca de um gênero ao outro, para que a adaptação seja menos complexa de realizar por aquele que retextualiza.

⁴ Transcrição: *No poema deu para entender que tinha um homem que tinha acabado de ser pai então ele teve a ideia de plantar uma árvore no quintal para ver qual das duas cresciam mais rápido e qual ficaria maior. A esposa desse homem cuidava da menina o homem cuidava da árvore, eles cuidava delas a toda hora, mais enquanto a árvore crescia a menina só engordava, a árvore crescia cada vez mais para o alto e a menina só crescia dos lados. A árvore bate no telhado e a menina só alcança a janela, a menina por vingança por não ter ficado da altura da árvore a menina sobe em seus galhos até ficar mais alta do que ela.*



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

5. Conclusão

Quando analisamos atentamente os trechos em tela, vamos observar como é relevante para o ensino de leitura-escrita em sala de aula esse processo de retextualização. Os alunos compreenderam dentro do esperado o que o texto-base traz em seu bojo principal e produziram outros dois textos retextualizados com caráter narrativo, através de histórias inventadas, a partir do poema apresentado em aula.

É interessante ressaltar que, além desse entendimento do que o texto primeiro traz, os alunos utilizam inúmeras outras estratégias em suas produções escritas. Construir eliminação, acréscimos, substituições, ordenações e referências numa produção escrita, a partir de outro texto, é algo que carrega uma larga complexidade reflexiva textual-discursiva, pois o trabalho não se restringe a entender o texto-base, mas refazê-lo, mantendo as ideias, em outra modalidade de gênero.

Isso significa que essas tarefas escolares de retextualizar precisam mais e mais constar como obrigação por parte dos docentes dentro da sala de aula, em especial em Língua Portuguesa; pois, infelizmente, esse recurso é um instrumento ainda pouco utilizado, não sabemos se por desconhecimento dos professores ou por conta dos famosos “conteúdos” que enchem a pauta das aulas, não sobrando espaço para o que realmente é importante.

Está claro, apenas a partir desses dois trechos (agora imaginemos em textos maiores e bem mais elaborados!), que a desenvoltura textual e escritural dos alunos são afloradas e instigadas, o que permite falar que retextualizar é um relevante caminho de entrada e apropriação das características textuais tanto do texto-base quanto no texto-fim. Atividades semelhantes carecem de mais lugares e olhares, precisam entrar nas salas de aula porque nossos alunos ainda sofrem muito quando se trata de compreensão de texto e de escrita de gêneros textuais. O que esperamos é que estas rápidas análises possam fazer com que nós docentes reflitamos atentamente e pensemos com mais objetividade nossas ações pedagógicas, e que o retextualizar seja mais um importante instrumento para tentar modificar esse quadro tão triste que circula nossos alunos,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

especialmente no que pertine à leitura, escritura e reescritura de textos em ambiente escolar.

7. Referências

D'ALVAREZ, Martins. **Eu e a árvore.** Disponível em: <<http://www.pragentemiuda.org/2008/09/poesia-eu-e-rvore.html>>. Acesso em: 04 nov. 2013.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard & HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. *In:* ROJO, Roxane & CORDEIRO, Glais Sales (orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Editora Mercado de Letras, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Editora Contexto, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. *In:* MARCUSCHI, Luiz Antonio & SIGNORINI, Inês (orgs.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento.** Campinas: Editora Mercado das Letras, 2001.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Editora Cortez, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto.** São Paulo: Editora Contexto, 2010.

RODRIGUES, Maria Coeli Saraiva & BIASI-RODRIGUES, Bernardete. **A Retextualização em Aulas de Língua Portuguesa do Ensino Superior.** Revista Expressão. Mossoró: v. 41, n. 1, p. 117-130, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/expressao/article/view/7>>. Acesso em: 02 jan. 2015

STUBBS, Michael. *In:* MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Editora Cortez, 2004.

VERCEZE, Rosa Maria Aparecida Nechi & NOGUEIRA, Erik Sanchez. **Fala versus escrita: atividades de retextualização.** Revista Zona de Impacto. IBCT: v. 4, Ano



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VIII, Novembro, 2005. Disponível em: <
<http://www.albertolinscaldas.unir.br/falaversusescrita.htm>>. Acesso em: 26 dez. 2014.